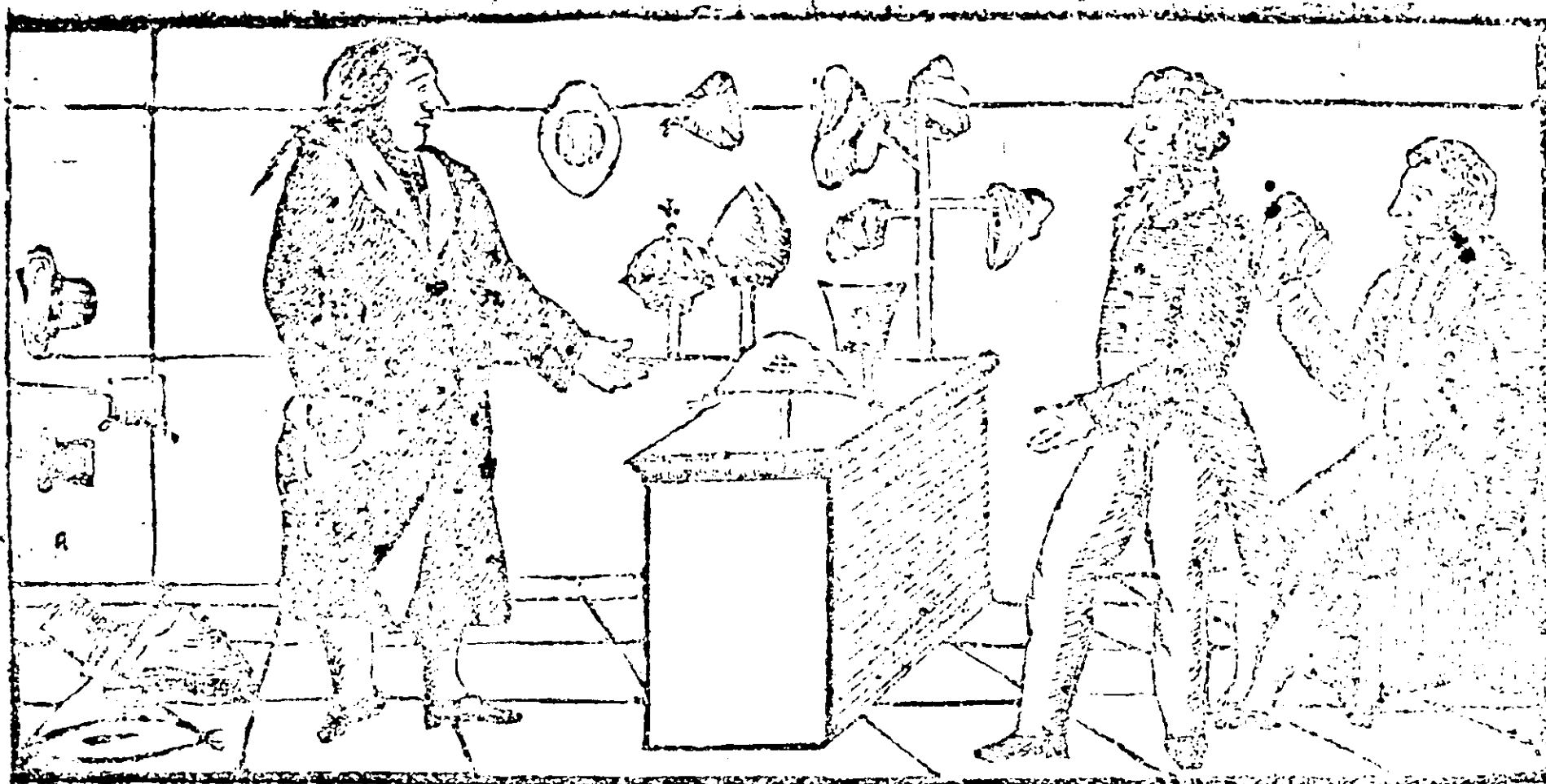


O
CARAPUCEIRO

24 DE MAIO
DE 1837



O CARAPUCEIRO.

PERIÓDICO SEMPRE MORAL E SÓPERACCIDENS POLITICO.

Parcere personis, dicere de vitiis
Martial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

A comichão d'escrever.

*Tenet insanabile multos -
Scribendi cacoéthes, et ægro
in cord senescit.*

Juven. Sat. 7.

A comichão d'escrever, de que tanta gente he a comettida, he huma enfermidade incuravel, que só termina com á vida.

Há huma enfermidade, de que certamente não fizeram menção Hippocrátes, e Galeno, da qual tambem não tractão nem Broussais, nem Begin, ou Georgie. Juvenal na ,, supra citada sentença lhe chama ,, Cacoéthes, ,,

vocabulo Grego, que em bom Portuguez não significa outra couza mais do que ,, comichão d'escrever., He hũ mal quasi tão universal, como a peste das bexigas; por que mui poucos homens há, que tarde, ou cedo o não venhão a sofrer ao menos huma vez na vida; com esta differença porem que as bexigas passam no fim d'alguns dias, ou semanas, e não tornão mais, ao mesmo tempo que a comichão d'escrever he quasi incuravel, huma vez que chegou a atacar a cabeça.

O nosso Brasil he muito sujeito actualmente a esta molestia, e supposto se haja applicado varios tractamentos, e remedios a estes enfermos, pouco, ou nada.

se há conseguido do seu curativo. Alguns tem experimentado o cauterio dos sarcasmos, das satyras, e libellos famosos, sem que estes remedios violentos tenham produzido bom effeito: outros até já tem sido pendurados pelo pescoço, abençoando o povo com os pés, curativo mui ordinario desta enfermidade, quando chega ao seu maior excessos. Outras vezes tem-se procurado quasi o mesmo remedio que applicavão os Antigos á mordedura da tarantula, isto he o som de hum instrumento, que não sei que nome tenha nas Pharmacopéas; mas que vulgarmente se chama „ chicote : „ mas quem houvesse de tractar hum infermo desta natureza devera saber, que o meio mais seguro de o restabelecer seria o vedar-lhe todo o uso de papel, pena, e tinta.

Alguns Facultativos (devem ser da escola Brauniana) tem lançado mão mas, com pouco proveito, das fricções de pau; outros (talvez mais seguidores da escola ante-flogística) applicão as sangrias feitas com lancetas de mais de palmo; com o que alguns infermos tem sarado por huma vez; mas nem por isso há terminado a epidemia.

Mas deixando a Alegoria, direi, que não há escriptores mais insupportaveis, nem mais difficeis de curar,

do que certos Periodiqueiros cujos escriptos apparecem em determinadas dias. Na sua leitura não alcançamos a consolação, que se acha na de todos os mais Escriptores, isto he; ver-lhe o fim, havendo hum pouco de paciencia. Sempre me recordo com prazer de hum dicto de Diogenes. Acertou de estar lendo hum Auctor mui insipido em presença d'alguns de seus discipulos; e como os visse aborrecidos d'aquella leitura, estando já proxima afindar-se, exclamou, „ Coragem, meus filhos, que já vejo terra. „ Não se pode dizer o mesmo a respeito de certos Periodicos, cujas materias dependentes do *Continuar-se-d'* são eternas: hum dia offerece-lhes assumpto para o outro dia, e nunca se sabe quando terão a caridade de nos dar alguma folga.

He para lastimar o ver, que a Arte da Imprensa, que podera prestar-nos tantos beneficios, se torne pelo contrario em nosso prejuizo, e que sirva para derramar o erro, a ignorancia, e immoralidade, e o mau gosto, em hum Povo, em vez de o tornar illustrado, e virtuoso. Quem ha ahi, que se não julgue mui capaz, e habilitado para dirigir a o pinião publica? E o que he essa opinião publica no sentir de muitos Periodicos? He simples, e unicamente a misera opinião d'elle Escriptor, e quando muito de huma duzia mais dos do seu circulo. *O Povo diz isto, o Povo quer aquillo, o Povo reprovava aquillo outro*: e não há tal cousa; por que o Povo nada diz: o Povo só quer ordinariamente pão, e socego, o Povo só reprovava a fome, as sedições, e a falta de segurança; em não havendo estes flagellos, o Povo está contente, e só cuida na sua vida.

Ordinariamente os Periodiqueiros vident-se em parcialidades. Estes, por ex. sustentão o Governo, aquelles pertencem á opposicção: huns advogão a Monarchia Constitucional, outros ati-

ão furiosamente para a Democracia. Os primeiros nada encontram no Governo, que não seja mui acertado, mui justo, e conveniente; os segundos batem-o desapiadadamente, e reprovão alto e malo todos os actos do mesmo Governo. Os Escriptores Monarchistas amão o Brzil; por que desejão, que este seja o que pode ser, os Senhores Republicueiros suspirão pela desordem; por que desejão pescar na enchurrada. O Brazil de hoje está tão apto para a Republica, quanto está a Turquia para se tornar Catholica Romana. Em verdade se o nosso Povo ainda, era verde para o regimen Monarchico Representativo, que tão acedadamente lhe detão, como terá os precisos elementos para a Democracia? O Brasil composto hum só Imperio, ainda assim não he por ora grande cousa: o que seria o Brazil relathado em tantos Estados Republicanos quantas Provincias, e talvez quantas Villas, e Julgados! Havia de ser bem tragi-comica a Republica de Sergipe; e a do Rio Grande do Norte? E a de Mato Grosso? Não fallemos nisso. Ainda possuimos pouca gente capaz de servir nos Jurys, e só se acha nas Capitaes do litoral; e já temos gente para tantas funcções Republicanas? Por via de regra só aspira a essas novidades quem nada tem que perder, e espera tudo ganhar.

A comichão de escrever tem-nos trazido essa verdadeira peste da Litteratura; a que dão o nome de traducções. Talvez não haja maior difficuldade em compor huma obra original, que em fazer huma verdadeira traducção: entre tanto não há quem se não julgue mui to capaz de traduzir, principalmente Novellas, que tem sido o punhal assassino da formosa, e riquissima Lingoa Portugueza. E como são feitas ordinariamente essas chamadas traducções? Em se propõe a essa mui difficultosa e communmente apenas arranha

alguma cousa do Francez; e da nossa Lingoa nada mais sabe, do que tanto, quanto he preciso para os usos da vida. Ignora inteiramente a indole, e caracter, de qualquer dellas: não sabe, que assim como cada homem mostra huma fisionomia, que o distingue d'outro qual quer, cada Lingoa tem huma elocução, hum modo, hum torneio de dizer, quel lhe são proprios, e peculiares: não sabe, que a Lingoa Franceza mais regular sim, porem mais monotona, que a nossa, he mui pouco transpositiva, e isso unicamente na Poesia, o que a torna menos eufonica do que a Portugueza: e o que succede? Passarem as palavras, as frases, e ate os Tropos taes quees vem no Francez para o Portuguez, composto de sorte huma salganhada, que se não sabe o que he. Mas de todos os cantos do Brazil surgem traducções. Ah! se ellas fossem, como devem ser, muito as deveramos estimar; porém não succede assim: quasi todas são huma miseria, e em vez de adiantarem, atração, deturpão, e corrompem a Lingoa, e consequentemente a nossa Litteratura. Para traduzir em fim he preciso hum talento particular, hum certo gosto, hum paladar delicado (permitta-se-me a expressão) que saiba apreciar as bellezas do original, e transferilas fiel, e agradavelmente para a copia. Quantas traducções se tem feito, por ex, da immortal obra de Fenelon, (o Telemaco!) mas só tenho por acabada, e perfeita a do erudito Capitão Manoel de Sousa.

He muito para censurar o desprezo, com que entre nós se tracta a Lingoa materna. Demo-nos a aprender Lingoas estrangeiras sem nunca havermos estudado a nossa, e havendo no Brazil Cadeiras de Francez e Inglez, não há huma só do Portuguez, onde se ensine a indole, caracter, e pureza da Lingoa com a lição critica dos Classicos: e d'ahi bem se pode concluir, que nunca daremos hum passo na Litteratura, e nas Sciencias.

pois todos os conhecimentos humanos dependem, como se sabe, da Linguagem. Os nossos Periodicos pela maior parte parece, que a cinte tomarão a tarefa de assassinar a Lingoa Portugueza; por quanto a sua elocução não he outra cousa mais, do que hum arremedo servil, e e' desairoso do Francez em todas as suas frases, e idiotismos: e quanto não devem de zombar de nós os estrangeiros, como v. g. hum Garret, que estudarão a Lingoa Portugueza em Fr. Bernardo de Brito, Fr. Luiz de Sousa, Camões Vieira, &c!, Huma obra há mui exquisita com o titulo da *Defeza da Astrologia* por *Guilherme Ramsey*, em a qual entre outras muitas singularidades encontra-se o seguinte --, A ausencia do sol não he a causa da noite; pois tão grande he a luz deste, que pode alumiar todo o globo terrestre ao mesmo tempo, e do mesmo modo que de dia: a cauza da noite he haverem estrellas sombrias, e tenebrosas, que dardejão sobre a terra as trevas, e obscuridade, assim como o sol a illumina com os seus raios. Eu encaro os nossos Escriptores no mesmo ponto de vista, que o sabio Astrologo concidera os Corpos celestes. Todos são estrellas; mas huns derramão luz, outros trevas.

Neste numero do meu pequenino Periodico não segui o rirão, que diz - Em casa de ferreiro espeto de pau; por que nas carapuças, que talhei para os outros Escriptores escolhi á vontade as que melhor me assentavão, e cá me fico mui caladinho com ellas; e assim devem de praticar todos os meus illustres Leitores. Quem sou eu para me abalancar a escrever para o respeitavel Publico? Conheço a minha ignorancia, estou bem certo da minha insufficiencia: mas o que alenta a minha ousadia he ver, que outros, que taes, como eu, escrevem, e tornão

a escrever impunemente, e tomão hum ar tão auctoritativo, que se apregão oraculos da Opinião Publica, e grandes Luminares da Patria, decidindo os mais altos negocios da republica com mais desfastio, e dexteridade do que Napoleão decidia a conquista da Russia: de mais no meia de cegos quem tem hum olho he tolo, e neste caso parece-me que estou como Escriptor.

Pensamentos d'hum grande Politico.

A revolução, que fizesse a todos os homens realmente soberanos, não os contentaria mais, do que a que os tornasse a todos escravos; por que apesar de pregarmos a igualdade, só as desigualdades nos agradao.

O furor de reinar he huma enfermidade epidemica, particular ao nos seculo; e como não se póde curar mal, foi preciso ambair o doente, e decretar como principio a Soberania do Povo.

Quasi todos são proprios para marido, e mulher; poucos para esposo e esposa, e muito melhor numero para ser pai e mãe de familia. Esta verdade foi desconhecida pelos Filósofos, e Governos, quando tão indiscretamente recomendarão a todo o mundo o casamento, meio infallivel de povoar o Estado de hum crescido numero de vadios, e desgraçados.